

POR UMA ÉTICA DO CUIDADO E DO SENSÍVEL: CONSTRUINDO RELAÇÕES NA PÓS-MODERNIDADE

For an ethic of care and sensitivity: building relationships within
post-modernity

Clóvis Trezzi

Mestrando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID).
Membro da Associação Brasileira de Educadores Lassalistas.

Margaréte May Berkenbrock-Rosito

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Mestrado em Educação da
Universidade Cidade de São Paulo/UNICID.

Mestrado em Educação
Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID)
São Paulo – SP – Brasil

Endereços:

Rua: Coronel Pedro Dias de Campos, 1094
Vila Matilde - São Paulo – SP
CEP: 03542-100

Rua: Tuim, 444 – apto 101
Moema - São Paulo - SP
CEP: 04514-101

E-mails:

clovistr@gmail.com
margaretemay@ajato.com.br

Artigo recebido em 07/11/2009.
Aprovado em 26/11/2009.

RESUMO

O individualismo é, entre outros, um elemento que dificulta a vida em sociedade no mundo pós-moderno. Existem maneiras de atenuar o desconforto causado pelas marcas da pós-modernidade. Alguns autores, como Leonardo Boff e Danis Bois, mostram que, através do cuidado e da sensibilidade, é possível diminuir a intensidade dos sinais distintivos do comportamento humano no mundo de hoje. João Batista de La Salle e Paulo Freire mostram que, na escola, é possível construir relações éticas e estéticas que colaborem com o desenvolvimento saudável da pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Individualismo. Cuidado. Sensibilidade.

Individualism is one of the elements that creates difficulties for the socialized life in the context of the post-modern world. There are ways of mitigating the discomfort caused by the legacy of post-modernity. Some authors, such as Leonardo Boff and Danis Bois, demonstrate that through care and sensitivity, it is possible to lessen the intensity of the distinctive signs of human behavior in today's world. João Batista de La Salle and Paulo Freire show that in the school, it is possible to build ethical and esthetic relationships that contribute to the healthy development of human beings.

KEYWORDS: Individualism. Care. Sensitivity.

INTRODUÇÃO

O foco deste estudo é a reflexão sobre a construção de relações humanas na pós-modernidade, considerando a relação entre a busca humana do conhecimento e a preocupação do homem com a realidade social-histórica, especialmente, no que diz respeito aos sistemas econômico, político e cultural. Assim, esta reflexão evidencia que o modelo educativo, centrado na escola, afeta toda a existência humana.

As perplexidades e os conflitos do tempo presente tornam-se pano de fundo para refletir sobre o tipo de educação frente às preocupações da escola, como *locus* privilegiado para a construção de relações mais humanas. Na escola, manifestam-se as características culturais específicas na contemporaneidade.

A escola, historicamente, tem enfrentado desafios. Porém, a diferença deste em relação aos outros desafios é a velocidade das transformações provocadas pelo poder hegemônico das tecnologias e a repercussão para a vida humana em seus *ethos* no presente e futuro.

O desafio para a escola, na contemporaneidade, está na sua função de redescobrir seu lugar de encontro com a cidadania, a necessária religação entre o conhecimento e uma ética comprometida com a responsabilidade, perante o poder e o alcance das tecnologias.

Entende-se que, entre os desafios da escola, reúnem-se as contribuições das áreas do conhecimento, no processo de reversão da visão fragmentária de mundo externo e interno. As cisões, decorrentes desta visão fragmentária, tornaram comum a coisificação de pessoas e a redução, de maneira artificial, da natureza humana.

Trata-se de uma busca pela vida, pelo resgate da condição humana do homem, que não se conforma com a sua posição de objeto esquecido. Faz parte da natureza humana a necessidade de compreender significados e atribuir sentido à própria existência. Isto, por sua vez, implica rever concepções de educação. A responsabilidade perante a vida requer uma compreensão educacional da sensibilidade para a percepção mais ampla e integral do fenômeno da vida.

A compreensão educacional requer uma atitude que não ceda lugar para as tecnicidades que, paradoxalmente, oferecem resistência às possibilidades de aprender a pensar. Isso é percebido no aligeiramento da formação do cidadão e no sempre presente questionamento: para que "serve" estudar isto ou aquilo, o ensino tecnicista, o raciocínio simplificador, desconsiderando o valor da formação humana para os pensamentos crítico, reflexivo e criativo que levam à emancipação dos sujeitos.

O que nos leva a refletir sobre a formação de um pensamento crítico, reflexivo capaz de fazer escolhas no uso peculiar da razão, da sensibilidade à atitude ética perante as coisas - um modo peculiar de olhar para si, para o outro e para o mundo, na contemporaneidade.

Essa concepção educacional aponta para a busca de sentidos e entendimentos do que pode ser considerado fundamental para a vida. Nesta reflexão, uma educação que sensibilize para a responsabilidade de viver no mundo coloca-se no patamar das preocupações ontológicas: o cuidado e o sujeito sensível.

A reflexão sobre a relação entre o cuidado e o sujeito sensível inclui a percepção de que o cuidado com o outro passa no olhar para si como sujeito sensível: a percepção da memória, imanente em cada órgão do corpo humano, entre o somato e o psíquico, guarda uma história vivida pelo sujeito.

Caso se requisitem cidadãos que se engajem no respeito e nos valores preconizados pela Educação, que tenham o hábito de pensar sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o contexto, visando à autonomia e à emancipação, é preciso que se repense a formação humana.

CARACTERÍSTICAS DO ETHOS DAS SOCIEDADES DO MUNDO NA CONTEMPORANEIDADE

A ausência de sensibilidade é decorrência do comportamento do homem da contemporaneidade, da pós-modernidade. Embora não trate diretamente da sensibilidade, Hall (2006) faz entrever que o motivo para isso está em algo que ele chama de “descentração” do sujeito. Ao longo da modernidade, foram surgindo diversas correntes de pensamento que, de certa forma, desconstruíram o ser humano na imagem que ele tinha de si mesmo. Podem ser citados, como exemplos, segundo Hall, o pensamento sociológico de Marx, as teorias psicológicas de Freud e Lacan, o trabalho linguístico de Saussure, o pensamento filosófico de Foucault e o impacto do feminismo. Tudo isso, associado às rápidas mudanças sociais, tem, como consequência, a geração de uma crise de identidade no sujeito, freando uma das mais importantes características do homem para a convivência humana - a sensibilidade.

Uma característica marcante da chamada pós-modernidade é a prevalência do individual sobre o coletivo, ou “uma forma nova e decisiva de **individualismo**” (HALL, 2006, p. 24). Isso não significa, porém, que nos tempos pré-modernos os sujeitos não eram indivíduos, de acordo com o mesmo autor. O que aconteceu foi que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 24-25). Ao mesmo tempo em que ocorrem essas transformações em nível pessoal, socialmente, vivem-se mudanças tão rápidas que as pessoas mal conseguem acompanhar. Essas mudanças ocorrem em diversas áreas: tecnologia, política, saúde, economia, religião. A associação dessas duas características causa no ser humano uma inquietação muito grande, que se traduz em angústia. Trevisol (2004, p. 15) diz que “o coração humano não foi levado em conta nos projetos de mudança do mundo social e técnico”.

Diante dessa angústia, que pode ser percebida no ser humano, aparecem alguns fatores, identificados por Boff (1999) e Hall (2006), que influenciam, direta ou indiretamente, na comunicação e nas relações humanas. Boff (1999, p. 11) afirma que um deles é o fato de que a assim chamada “sociedade do conhecimento e da comunicação está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas”. O autor apresenta como objeto símbolo dessa incomunicação o *tamagochi*, “bichinho virtual” de origem japonesa que foi febre entre crianças e adolescentes e até mesmo entre adultos nos anos 90. Ao mesmo tempo em que esse bichinho precisa de cuidados, pois tem fome, tem sono, cresce, brinca, chora, fica doente e até morre, as pessoas que se empenham em cuidar dele acabam dedicando suas energias a um mundo virtual, em vez de pessoas e animais concretos.

Outro fator é identificado por Hall (2006):

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. (HALL, 2006, p. 12)

Comparando o mundo, hoje, ao que ele era, há alguns anos, vê-se que, ao mesmo tempo, tanto ele pode ser reconhecido, pois as mudanças, por maiores que sejam, mantêm determinadas características do passado, como, às vezes, esse reconhecimento parece impossível. Isso pode ser explicado a partir de Harvey (2005), que diz que a modernidade implica um rompimento com as condições precedentes, ademais de ser caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior.

Talvez sejam essa ruptura e esses paradoxos os principais geradores da angústia no ser humano. Trevisol (2004, p. 15), ao falar do homem moderno, diz que este “não somente sofre a falta de sentido na vida presente, como também o medo do futuro e, em consequência, a facilidade de alimentar a fantasia”. Rojas (1996) denomina esse fenômeno de “socialização da imaturidade”, que, segundo ele, é definido por três elementos: desorientação, inversão de valores e vazio espiritual.

O ETHOS DO CUIDADO E DO SUJEITO SENSÍVEL

Boff (1999) propõe, para a superação das dificuldades acima apresentadas, desenvolver a dimensão do cuidado. Parece incrível que isso seja necessário, quando se considera que uma das coisas sobre a qual mais se fala, hoje, é justamente cuidar do mundo. A ecologia tem aparecido, para muitas pessoas e grupos, em primeiro lugar, em uma escala de valores. O mundo pós-moderno parece preocupar-se com a terra e a sobrevivência humana nela. Existem inúmeras Organizações Não-Governamentais (ONGs) que atuam na preservação do meio ambiente, políticos mostram-se preocupados, constroem-se parques, investe-se na despoluição de rios e do ar... Enfim, parece existir nisso uma preocupação com a preservação do Planeta Terra. Por outro lado, percebem-se movimentos contrários, por parte de ONGs, de políticos, de grupos e de indivíduos, que não se mostram preocupados, em absoluto, com a preservação do mundo (BOFF, 1999, pp 17ss).

Contudo, pode-se perceber, atrelado a esse, outro problema: o descuido com o ser humano. Boff apresenta uma lista de situações de descaso que ocorrem de maneira sistemática, chamadas por ele de “sintomas da crise civilizacional”. Para citar alguns: a) descuido e descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial; b) descuido e descaso pelo destino dos pobres; c) descuido e descaso pela dimensão espiritual do ser humano; d) descuido e descaso pela coisa pública.

Esse segundo problema, que é o contraste entre uma aparente preocupação com a sobrevivência do Planeta Terra e a falta de cuidado com o ser humano, traduz-se nas dificuldades encontradas pelo próprio ser humano em lutar por sua vida. É uma situação conflitante, uma vez que ele não parece estar preocupado consigo mesmo e com a própria permanência no mundo. Embora exista a possibilidade de o planeta sobreviver a uma provável catástrofe, como já ocorreu diversas vezes, as chances de o ser humano sobreviver acabam tornando-se remotas.

De acordo com o autor, é fundamental desenvolver um *ethos* do cuidado, ou do humano, lembrando que, na sua origem, a palavra *ethos* significa a “morada do homem”. Isso implica uma atitude permanente de cuidado. Heidegger, no livro *Ser e Tempo*, afirma que “Do ponto de vista existencial, a cura se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação da pre-sença¹, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato” (HEIDEGGER Parte I, 2000, p. 258).

Para Boff, o *ethos* do cuidado supõe algumas atitudes ou algumas virtudes básicas: a) o amor como fenômeno biológico; b) a justa medida; c) a ternura vital; d) a carícia essencial; e) a cordialidade fundamental; f) a convivialidade necessária; g) a compaixão radical (BOFF, 1999, p. 109ss). Ou seja, tudo aquilo de que a humanidade vem sentindo falta nos últimos tempos e que são fundamentais para a sobrevivência das pessoas.

A dimensão esquecida do cuidado é importante para as pessoas. Muitos dos livros chamados de autoajuda partem dessa necessidade. Isso porque essa é uma dimensão vital para o ser humano. Pode-se perceber, nos últimos anos, um número maior de pessoas com depressão, pessoas solitárias (TREVISOL, 2004 p. 15ss). Mudou a maneira de se constituir família, de se relacionar com as pessoas; o virtual se sobrepôs ao real.

O cuidado é isso: atenção a si mesmo e às pessoas que estão à volta. Essa atenção pode ocorrer tanto nas pequenas coisas como nas grandes. Desde a preocupação com a pessoa que está ao lado, um toque, um abraço, até o cuidado, a partir de cima, dos governantes, dos líderes. Às vezes, são as religiões que melhor desempenham esse papel, tornando-se importantes na vida de muita gente.

Boff (1999) trata justamente do *ethos* do cuidado na pós-modernidade, com a intenção de mostrar uma carência, entre outras, que o mundo pós-moderno apresenta. Em Bois, Josso e Humpich (2008), os autores nos convidam a refletir sobre o lugar do corpo sensível nestas mudanças paradigmáticas, que trabalham a questão do sensível, o que tem estreita ligação com o cuidado.

Os autores apresentam os resultados da prática, de mais de trinta de anos, do Método de Terapia Manual, a Somato-psicopedagogia, de que Danis Bois é precursor, a partir do estudo da Osteopatia e da Fasciaterapia. Sentir a dor na própria pele e saber lidar com o sofrimento são enormes desafios de aprendizagem, que despertam a potencialidade da renovação do eu.

Os autores nos levam a refletir que formar para o pensar, isto é, “pensamento sentido” e “sentimento pensado”, como processo de conscientização de ser e estar no mundo, é uma atenção ao corpo sensível, sentido, subjetivado. Esta atenção não é ainda relevada nos espaços educativos e formativos como processo de aprendizagem.

O fundador das linhas terapêuticas chamadas Fasciaterapia e Somato-psicopedagogia, Danis Bois, apresenta-nos o paradigma do sujeito sensível a partir da comprovação do movimento interno e imanente do corpo, e resgata os estudos de Maine de Biran e da fenomenologia, de Merleau-Ponty, para tratar o sensível de maneira diferente: é o contato da pessoa consigo mesma². Essas linhas de terapia procuram trabalhar o ser humano como pessoa integral, envolvendo os diversos níveis. Procuram demonstrar que a cura se torna mais eficaz quando os níveis físico e psíquico são integrados, na terapia, e isso acaba atingindo também o terceiro nível, citado por Cencini e Manenti (1988), que é o nível espiritual. Os autores concordam que os três níveis estão interligados no ser humano e não se pode falar em solução de conflitos, em apenas um deles.

Nesse sentido, Humpich (BOIS; JOSSO; HUMPICH, 2008, p. 98) afirma: “A pessoa já não é mais um paciente, mas descobre-se como aprendente, desenvolvendo novas competências perceptivas”. A pessoa que passa por um processo de contato com o que o autor chama de “corpo sensível” desenvolve, a partir de um mais profundo conhecimento de si mesmo, uma sensibilidade muito maior para conviver consigo mesmo e com sua história e com as outras pessoas. Ainda, pensando sob o mesmo aspecto, Austry (2008) apresenta a importância do toque, ou do contato físico, para o desenvolvimento de potencialidades ligadas à convivência consigo mesmo e com os outros. Como vimos anteriormente, alguns dos problemas do mundo pós-moderno são a falta de convivência ou o isolamento das pessoas no seu individualismo. De acordo com o próprio autor, o toque dá “um sentido do cuidado, uma abertura ao ser”. “Cuidar, de acordo com Honoré, não é simplesmente ver o cuidado como tratamento, mas tomar cuidado com a pessoa” (AUSTRY, 2008, p. 123).

É para essa noção do cuidado que queremos atentar aqui. A importância de ter atenção para consigo mesmo e para com o outro numa atitude relacional. Para isso, é importante vencer as angústias e tudo o que impede de levar uma vida, digamos, normal. O primeiro passo é o contato consigo mesmo, para, em seguida, tomar contato com o mundo, numa reciprocidade de relações.

Trevisol (2004) coloca algumas estratégias que o inconsciente humano elabora para fugir dessa crise, uma vez que, segundo o autor, ela é o principal fator gerador da angústia citada anteriormente. Um mecanismo gerado é o narcisismo e é justamente ele que é explorado pelas campanhas de *marketing*. Assim como o individualismo, o narcisismo não é algo que surgiu apenas na modernidade, embora seja característica marcante dessa época. O autor diz que “a estrutura narcisista choca-se diretamente com o desenvolvimento da capacidade de amar, cuja dimensão toda pessoa precisa amadurecer para realizar-se” (TREVISOL, 2004, p. 191). O mesmo autor ainda diz que a melhor das estratégias para superar o narcisismo é a atitude amorosa consciente, que Comte-Sponville (2004) chama de virtude, embora, segundo ele, o amor supere todas as virtudes, uma vez que de maneira geral estas só sejam necessárias por ausência de amor.

O ETHOS DA ESCOLA: CONSTRUINDO RELAÇÕES ENTRE O CUIDADO E O SENSÍVEL

A partir de La Salle (1997) e Freire (2003), compreende-se como, na escola, a relação do cuidado e do sensível pode acontecer. A escola tem um papel importante neste cenário, exatamente, por estar bastante vulnerável a esses elementos apresentados e que fazem parte da própria evolução da sociedade.

A escola tem uma grande responsabilidade ética na sociedade, que é sublinhada por Freire (2003). Esta responsabilidade é da natureza da prática educativa e está diretamente relacionada à maneira de ser da pessoa; à maneira de viver, de se relacionar, ligada mesmo à própria maneira

como a escola lida com essas questões relacionadas à pós-modernidade. Freire afirma: “me acho absolutamente convencido da natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana” (2003, p. 17). Também, no mesmo texto: “Quando, porém, falo da ética universal do ser humano, estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana” (FREIRE, 2003, p. 18).

A perspectiva educacional freireana envolve a educação como processo de conscientização. Na perspectiva de Freire (2003), a educação é a experiência de viver no mundo. Desse modo, o reorganizar-se e o reconstruir-se, como experiências de mundo, abrangem significados tecidos na passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. O ser crítico significa o “ser mais”, nas palavras de Paulo Freire, o sujeito “tomar em suas mãos sua história”, a história da vida negada. Assim, vida, conhecimento, experiências e aprendizagem estão inter-relacionadas.

O processo de conscientização é um tema caro para Paulo Freire. A tomada de consciência não é a consciência crítica, é apenas ponto de partida, uma abertura de passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. O processo de conscientização compreende que, costurando a teoria por dentro do vivido, pode-se compreendê-lo e ser capaz de intervenção, na conservação ou na transformação da situação da realidade.

O cuidado não se ensina. Não há possibilidade de aprender o conceito de “cuidado” apenas com uma aula muito bem articulada. É necessário, ainda, que o posicionamento do professor e das pessoas que participam de uma gestão escolar apresente, na sua prática cotidiana, uma atitude de cuidado. Se a prática estiver descolada da teoria, a aprendizagem será nula, porque é possível que a aprendizagem se dê a partir de um modelo e não a partir de uma sugestão.

A *Pedagogia do Oprimido* é uma obra clássica, que foi revisitada em *Pedagogia da Esperança*. Aqui, a ênfase recai na afirmação de que a esperança é o outro nome da Ética, a consciência de que é possível a mudança do quadro da situação-limite em que nos encontramos. Paulo Freire afirma que, para que haja mudanças, é preciso que haja a consciência dos limites e possibilidades: apenas denunciar uma situação-limite de intolerância não é o suficiente. É necessário anunciar a possibilidade de mudança e de realização de uma prática cujo princípio seja o cuidado com a autonomia, um elemento fundamental na formação do cidadão.

A vivência do conceito de “cuidado” implica espaço de tomada de decisão, possibilidade de fazer escolhas, de refletir sobre as escolhas, é nesse processo que se aprende a autonomia. Uma prática de autonomia para a autonomia significa uma visão de mundo que depende da concepção que cada um tem e que se manifesta nas decisões tomadas no cotidiano. Tais decisões mostram a concepção das linhas invisíveis de poder - política, ética, estética, moral, ideológica - responsáveis por toda decisão do ser humano.

A concepção da visão de mundo nem sempre é consciente. Tomar consciência é saber se nossa prática é a favor da submissão ou a favor da autonomia. Todos dirão que são a favor de uma prática de autonomia, mas somente a vivência concreta de cada um mostrará um discurso descolado ou coerente. No entanto, a autonomia, quando o outro é regido por uma concepção de submissão, poderá se confundir com uma prática de licenciosidade. Paulo Freire é a favor da autonomia e contra a licenciosidade. Estamos numa sociedade licenciosa que tem dificuldades de assumir compromissos. Deixar essa realidade licenciosa de lado, solta, como se ela não existisse, não contribui com a formação na/para autonomia.

Para falar no papel da escola, ou poderíamos dizer da missão da escola, sobre a responsabilidade de uma pedagogia da autonomia, como princípio ético do cuidado com a formação da cidadania, é possível que se reporte a João Batista de La Salle, pedagogo³ francês do Século XVII/XVIII. Ele é um grande renovador da escola que, além de fundar uma congregação religiosa especificamente voltada para a educação, foi um grande inovador, um dos pioneiros na formação de educadores. Em sua obra *Conduite des Ecoles Chretiennes*, demonstrou uma grande preocupação com a formação humana dos alunos, em paralelo com a formação intelectual. La Salle acreditava na valorização da pessoa do aluno, para formá-lo como sujeito atuante na sociedade, como podemos perceber no seguinte texto:

Al final de cada año escolar, durante el ultimo mes que se tenga de clase antes de las vacaciones, todos los maestros harán un registro de sus estudiantes, en el que marcarán sus buenas y

malas cualidades, según los hayan conocido durante el año (...). Cada maestro, al final del año escolar, entregará al Director este registro, después de llenarlo, y el Director lo dará, el primer día de clase después de vacaciones, al maestro encargado de esta clase, si es distinto al del año anterior (...) para conocer a los alumnos y el modo como debe conducirse con ellos (...). El Director guardará todos los registros y los confrontará con los de los años anteriores para ver si coinciden, en general, o en algún detalle. (LA SALLE, 1997, p. 143-144).

Esta preocupação com a individualidade dos alunos, que vai reaparecer mais tarde no Século XX, é de extrema importância nesse período, por ser justamente uma época em que não se valorizavam as crianças, muito menos, a sua individualidade. A valorização do estudante como tal é recente na história da educação. Por isso, não deixa de ser admirável que este pedagogo, já no Século XVII, tenha concebido uma escola que tivesse a preocupação de formar a pessoa para viver em sociedade. Uma das características da escola de La Salle era a preocupação com o fato de que os alunos deveriam desempenhar determinadas funções: de esmoler, de recitador de orações, de visitador dos colegas ausentes e/ou doentes, de sineiro, de inspetor, de vigilante... (cf. LA SALLE, 1997, p. 205ss), sempre de acordo com as condições de cada um.

Essa sensibilidade por parte do educador é importante para que ela seja incutida também no educando. Ela aparece, talvez, melhor, quando fala do cuidado que os inspetores e os professores devem ter com os alunos, não apenas para que não façam o mal, mas para que saibam fazer o bem. Além disso, o cuidado é para que aprendam a bem viver. Nas escolas, além de aprender os conteúdos curriculares normais, aparecia, no que hoje chamamos "currículo oculto", ou também poderíamos chamar de tema transversal, a urbanidade, ou as formas de viver em sociedade. O próprio autor escreveu um livro intitulado *Regras de urbanidade* com esse propósito.

Encontra-se, em Paulo Freire, este mesmo ideal, quase três séculos depois. O pedagogo brasileiro teve grande preocupação com a educação como prática de liberdade, também – e principalmente –, com as dimensões ética e estética da educação.

Porém, a questão da sensibilidade entre a relação do cuidado e do sujeito sensível está presente em toda a obra freiriana. Ele afirma:

E o que dizer, mas sobretudo o que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes a coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. (...) Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. (FREIRE, 2003, p. 141-142).

Podemos afirmar, sem medo de errar, que esse papel da escola é fundamental para que se aprenda a conviver com o mundo. As relações construídas na escola precisam impregnar-se desse cuidado e dessa sensibilidade para serem saudáveis. Freire dá importância ao desenvolvimento do aluno como pessoa. Ele mesmo diz que "ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando" (FREIRE, 2003, p. 59). Isto faz parte da dimensão ética e estética da educação – pois ética e estética, necessariamente, andam juntas.

É necessário fazer uma observação: o respeito ao desenvolvimento individual, tal como sugerem Freire (2003) e La Salle (1997), não tem nada a ver com o individualismo, como característica dos tempos pós-modernos, citado no começo deste artigo. A atenção ao desenvolvimento individual tem a ver com a sensibilidade e o cuidado e são maneiras, inclusive, de superar o individualismo e o narcisismo/egocentrismo que geram tanta angústia nas pessoas nos tempos atuais.

Cabe perguntar: que tipo de relações a escola pode motivar ou mesmo iniciar? Não há resposta pronta para essa pergunta. É importante salientar que a escola pode, e deve, contribuir para que aluno e professor sintam-se sujeitos na sociedade. Segundo Pereira, "construir-se sujeito nada mais é do que se construir em todas as suas dimensões. Reconhecer-se sujeito é ser autônomo, livre e responsável em todas as suas ações" (PEREIRA, 2007, p. 25).

Esse pensamento acompanha o que já vimos em Freire e La Salle. O sujeito que se constrói e que na escola passa a se reconhecer como tal é aquele que desenvolve as suas potencialidades. Isso se torna possível quando a escola prioriza a dimensão da sensibilidade e do cuidado, na relação professor-aluno, aluno-professor, e destes com a escola como um todo.

São relações como essas que transformam a escola no lugar ideal para o desenvolvimento saudável da pessoa. Não há verdadeira aprendizagem se não houver mudança de atitude e não há verdadeira educação se não houver mudança de vida.

REFERÊNCIAS

- BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOIS, D.; JOSSO, M.C.; HUMPICH, M. (Orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu: as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia**. São Paulo: Paulus/Centro Universitário São Camilo, 2008.
- CENCINI, A.; MANENTI, A. **Psicologia e formação: estruturas e dinamismos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COMTE-SPOMVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte I. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte II. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LA SALLE, S. J. B. de. **Guia de las escuelas cristianas**. Lima: Distrito del Peru, 1997.
- PEREIRA, P. A. Pedagogia do sujeito. In: FURLANETTO, E. C.; MENESES, J. G. C.; PEREIRA, P. A. **A escola e o aluno: relações entre o sujeito-aluno e o sujeito-professor**. São Paulo: Avercamp, 2007.
- ROJAS, E. **O homem moderno: A luta contra o vazio**. São Paulo: Mandarim, 1996.
- TREVISOL, J. **Amor, mística e angústia: Mistérios inevitáveis da vida humana**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

NOTAS

- 1 Boff (1999) apresenta neste parágrafo a palavra “cura” traduzida como “cuidado”, e a palavra “presença” traduzida como “ser humano”.
- 2 O contato da pessoa consigo mesma favorece o contato com os outros, e isso se traduz numa melhor vida no mundo.
- 3 Consideramos La Salle como pedagogo pela sua influência e pelas inovações na educação. Na verdade, ele era sacerdote, doutor em Filosofia e em Teologia pela Universidade de Sorbonne. Sua preocupação com a educação, contudo, fez com que fosse pioneiro na formação de professores, além de criar uma Congregação Religiosa (Irmãos das Escolas Cristãs, ou, no Brasil, Irmãos Lassalistas) para cuidar de uma rede de escolas dedicadas a atender, de maneira igualitária, os jovens que, por falta de uma política educacional, não tinham acesso a ela. Dedicou toda a sua vida a isso, criando uma pedagogia própria, que está expressa no livro *Conduite des Écoles Chretiennes*, sem tradução em português. Suas ideias ainda sobrevivem, inclusive no Brasil, nas escolas chamadas La Salle.